

---

# Medievalismo en Extremadura

Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas  
de la Edad Media

---

Jesús Cañas Murillo  
Fco. Javier Grande Quejigo  
José Roso Díaz (Eds.)

Medievalismo en Extremadura  
Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas  
de la Edad Media



Cáceres  
2009

MEDIEVALISMO en Extremadura : Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas de la Edad Media / Jesús Cañas Murillo, Fco. Javier Grande Quejigo, José Roso Díaz (Eds.). — Cáceres : Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, 2009

XXII, 1310 pp. ; 17 × 24 cm.

ISBN 978-84-7723-879-9

1. Literatura medieval-historia y crítica. I. Cañas Murillo, Jesús (Ed.). II. Grande Quejigo, Javier (Ed.). III. Roso Díaz, José (Ed.). IV. Título. V. Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, ed.

82.09"04/15"

Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra sólo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, [www.cedro.org](http://www.cedro.org)) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.



© Jesús Cañas Murillo, Fco. Javier Grande Quejigo y José Roso Díaz, de la edición, 2009

© De los autores, 2009

© Universidad de Extremadura-Grupo "Barrantes Moñino", para esta 1.ª edición, 2009

Ilustraciones de cubierta: miniaturas de cancioneros del siglo XIII (Biblioteca Vaticana y Biblioteca Nacional de Francia) recogidas en el libro de Martín de Riquer, *Vidas y retratos de trovadores. Textos y miniaturas del siglo XIII*. Barcelona, Círculo de Lectores-Galaxia Gutenberg, 1995.

Edita:

Universidad de Extremadura. Servicio de Publicaciones

Plaza de Caldereros, 2. 10071 Cáceres (España)

Tel. (927) 257 041; Fax (927) 257 046

E-mail: [publicac@unex.es](mailto:publicac@unex.es)

<http://www.unex.es/publicaciones>

I.S.B.N.: 978-84-7723-879-9

Depósito Legal: M-52.674-2009

Impreso en España - *Printed in Spain*

*Impresión:* Dosgraphic, s. l.

# DO AMOR NO LANÇAROTE DE LAGO

Isabel Sofia Calvário Correia  
*Universidade de Coimbra*

Quando se fala de amor num romance que tem como personagem central Lançelot, parece inevitável não nos lembrarmos da trama entre o melhor cavaleiro do mundo e a rainha Guenièvre. Todavia, atrevemo-nos a prosseguir por outro caminho, menos próximo do ponto de vista do leitor actual, mas, a nosso ver, mais de acordo com a urdidura do romance medieval. Além disso, não é do famoso texto francês que vamos tratar, mas de uma versão ibérica que chegou até nós num manuscrito do século XVI e que coloca questões tão interessantes quanto complexas no que respeita ao tratamento de diversas temáticas, entre elas a do amor.

O «Lançarote de Lago»<sup>1</sup>, como é designado no cólofon, é a última parte de um conjunto de três livros sobre Lançarote cuja redacção terá sido concluída em inícios do século XV:

Aquí se acaba el segundo y tercero libro de don Lançarote de Lago (...) en miércoles veinte y cuatro dias de octubre año del nacimiento de Nuestro salvador Jesucristo de mill e quatrocientos y catorze años (p. 386).

Estes dois livros contêm o relato da viagem de Galeote e Lançarote a Sorelois e terminam com episódios de matéria tristaniana, anunciando o romance que se seguia: «y á se començar el *Libro de Don Tristan*» (p. 386). Contudo, não cremos que o *Lançarote* deva ser visto apenas como um romance biográfico de um cavaleiro exemplar. Uma leitura atenta do texto mostra-nos que ele se relaciona com um universo cíclico que vai além da construção desta personagem. Nas rubricas finais há várias remissões para um «Livro de Galaaz» sempre que se menciona matéria narrativa que não está contemplada neste romance: «segund lo fallaredes en el libro de don Galás todo esto por menudo» (p. 380)<sup>2</sup>. Estas referências remetem-nos para o que é narrado na *Mort Artu*, mais concretamente a batalha de Salesbieres e a queda do reino. Além disso, algumas passagens relacionam-se com outro romance arturiano, a *Suite du Merlin*<sup>3</sup>, dos

<sup>1</sup> Este manuscrito foi recentemente editado por Martín Contreras e Harvey Sharrer (2006).

<sup>2</sup> Há ainda outra remissão para o «Livro de Galás» na rubrica CCCXXX quando se fala da morte de Galbán (p. 384).

<sup>3</sup> Nomeadamente a rubrica CCCXXXX «Como don Lançarote pasó a puente de ferro» (p. 384) em que se referem lugares e acontecimentos que foram anunciados na *Suite*, com destaque para o «golpe doloroso». Para além desta rubrica, alguns *topoi* mencionados no «Lançarote» são comuns a este romance. A respeito das relações da *Suite du Merlin* com o ms. 9611 veja-se Bogdanow (1999). Sobre a toponímia no ms. 9611 veja-se Martín Contreras (2005).

quais destacamos a referência ao Cavaleiro das Duas Espadas, personagem específica da *Suite*<sup>4</sup>: «la tierra (...) que por el doloroso golpe que el Cavallero de las Dos Espadas hizo fue tornada en pobreza y en lloro, así como *La gran historia del Sancto Greal* lo devisa cumplidamente» (p. 331). Como vemos, o *Lanzarote* movimenta-se num universo romanesco maior que convém destringer com acuidade. As referências ao «Livro de Galás» e, sobretudo, a relação próxima com a *Suite* parecem situá-lo no ciclo de romances arturianos do Pseudo- Boron<sup>5</sup>. Este ciclo terá circulado na Península Ibérica a partir da segunda metade do século XIII e parece-nos possível que o «Lançarote» dialogue de perto com o «Livro de Galaaz» português, conhecido pelas suas edições como *Demanda do Santo Graal*, que inclui uma «Morte de Artur», texto para o qual, como vimos, o romance castelhano remete. Porém, a questão do lugar do *Lanzarote* no universo arturiano assume contornos que o tempo e o espaço desta comunicação não permitem observar com a atenção merecida. É, porém, imperioso referir a estreita relação entre o nosso romance e o manuscrito 751 BNF que contém um *Lancelot*, uma *Queste del Saint Graal* e uma *Mort Artu* lacunares.

O texto contido neste manuscrito, datável de finais do século XIII, afasta-se de outras narrativas sobre Lancelot. Micha considera-o mesmo um texto à parte<sup>6</sup> quando analisa o extenso número de testemunhos que compreendem a tradição manuscrita deste romance francês. E é, *de facto*, um texto diferente. A estratégia e géneros narrativos são distintos daqueles que habitualmente se encontram na matéria arturiana. A investigação que fazemos em torno deste manuscrito está ainda no início e poucas são as conclusões que podemos sugerir. Não é ainda claro se este testemunho se reveste de um carácter antológico, à semelhança do que acontecera com outros textos, ou se é uma evidência de um ciclo francês diferente daqueles que estamos habituados a ver nas várias edições. O que é certo dizer é que o Ms. 751 apresenta afinidades claras com o *Lanzarote del Lago*. Ao contrário do que acontece com outros romances arturianos que estão imbuídos de construções simbólicas, personagens fantásticas e longos reptos entre mais ou menos valorosos cavaleiros, o romance de que nos ocupamos apresenta uma construção narrativa mais linear e racional, não deixando de lado a aventura cavaleiresca, mas privilegiando igualmente questões como os direitos e deveres no mundo senhorial, a homenagem e o seu peso simbólico, a preocupação com a base filosófica do discurso que se apresenta e o amor.

Sendo do amor que vamos falar neste trabalho, convém clarificar de que amor se trata. Situemo-nos no início do «Lançarote». Após a saída de Galeote e Lançarote da corte de Artur rumo a Sorelois, o rei das Estranhas Ínsuas tem dois sonhos perturbadores: no primeiro, sonha com uma serpente que passava por entre vários cavaleiros e se dirigia a ele, queimando-o com o seu fogo abrasador. No segundo, Galeote vê

<sup>4</sup> Como sabemos, no *Lancelot* o Cavaleiro das Duas Espadas é Eliezer, filho do Rei Peles que tem este epíteto por trazer duas espadas: a sua e aquela com que os pagãos feriram José de Arimateia quando este se dirigia aos domínios de Matagrant para, como físico e com a ajuda de Deus, curar um irmão do senhor do castelo que jazia doente. No romance francês, a espada é um elo de ligação entre o *Lancelot* e a *Estoire del Saint Graal*, um dos ramos do ciclo arturiano. Ora na *Suite*, o Cavaleiro das Duas Espadas é Balain que por ferir o irmão de Peles, desferindo o golpe doloroso, faz com que o reino se transforme em «Terra Gasta».

<sup>5</sup> Sobre a problemática do ciclo do Pseudo-Boron veja-se, José Carlos Miranda (1998).

<sup>6</sup> A. Micha (1987: 487).

o corpo aberto e nota que tem dois corações do mesmo tamanho. Porém, um deles transforma-se em leopardo e desaparece na floresta. Em seguida, o coração que ficara torna-se muito pequeno e é-lhe retirado, bem como todos os outros membros, o que faz o nobre cavaleiro sentir-se perto da morte. Estes sonhos perturbam-no sobremaneira e por pensar tanto neles, perde as rédeas do cavalo e cai por terra. Segue-se um dramático momento em que Lançarote cai esmorecido por ver o companheiro fazer no chão, depois de novo Galeote e finalmente ambos se alegram por verem que estão vivos e que a queda foi apenas aparatosa. Todavia, Lançarote repreende o filho da Bela Gigante por se deixar levar pelo seu pensar que quase o conduziu a uma morte vergonhosa. Além disso, o cavaleiro teme que Galeote esteja «sanhudo» com ele e que não lhe diga os motivos de sua zanga. O rei de Sorelois responde que está apreensivo pois sente que já ganhou mais do que algum outro nobre na terra ganhara, mas que estará prestes a ter uma grande perda. Lançarote admira-se que o «mais poderoso príncipe de amigos e de terra» (p. 6) possa ter receio de perder algo. A longa fala do companheiro esclarece-o, dizendo-lhe que não teme a perda de bens, mas a de amor de amigo.

O discurso de Galeote centra-se na dicotomia entre o valor da terra e o valor da amizade. O rei discorre sobre a pouca importância das posses materiais argumentando que «pérdida de tierra ni de aver es raez de cobrar a ome poderoso cada que quisiere, mas pérdida del leal amigo (...) no puede ser cobrada» (p. 6). A fidelidade que um homem bom deve a seu amigo tem de ser sólida e constante pois este não o deve esquecer, nem mudar os seus sentimentos, mas «amar segund la bondad e el prez fallar en lo que ama, quier sea ome quier sea mujer, y este amor es leal e todos los otros son bastardos» (p. 6). Além disso, quando «ome mete todo su corazón en amar a su amigo» (p. 6) deve conciliar os seus gostos com os dele e é deste nobre sentimento, deste «amor dicen todos los otros amores» (p. 6). Galeote acrescenta que perder um amigo que se ama verdadeiramente, isto é, sem nunca o esquecer, nem deixando que a distância os afaste é fatal pois «ome pierde la cosa que mas ama no deve ome más bivar» (p. 6). O rei sublinha mais uma vez o pouco valor da terra em comparação com o único valor, o de ter amigos verdadeiros pois, diz Galeote, «yo no precio ningún guaño sino de amigos e parientes» (p. 6). Além disso, confessa que é este o sentimento que o une a Lançarote visto que se o cavaleiro morresse, ele também já não viveria, recordando-lhe que já por ele perdera terras<sup>7</sup> e afirma querer «aver buestra compañía tanto que vos pluguiese dela como a mí place buestra que ser señor del mundo e non averbos por conpañero» (p. 6).

Esta longa fala parece ter, entre outras, uma clara inspiração na obra de Aristóteles, *Ética a Nicómaco*<sup>8</sup>, mais concretamente, nos Livros VIII e IX em que o filósofo fala de questões relacionadas com o amor e a amizade<sup>9</sup>. Se atentarmos nas palavras de

<sup>7</sup> Como só chegaram até nós o segundo e terceiro livros de Don Lançarote, esta remissão só se compreende à luz do testemunho francês. Como sabemos, Galeout poderia ter conquistado as terras de Artur, mas não o fez pois impressionado com a proeza de Lancelot, acedeu a render-se quando este lho pedira.

<sup>8</sup> Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, trad. António de Castro Caeiro (2006).

<sup>9</sup> Segundo Caeiro, o grego «filias» pode ser traduzido por amizade, amor ou afeição por alguém. Veja-se a nota 213 de Caeiro, trad. (2006: 268).

Aristóteles, facilmente se percebe a clara correspondência entre estas e as de Galeote que anteriormente citámos:

Pois ninguém há-de querer viver sem amigos, mesmo tendo todos os restantes bens. (...). Que vantagem haveria numa tal prosperidade se lhes tivesse sido retirada a possibilidade de fazer bem, sobretudo quando fazer bem aos amigos é o melhor e o mais louvável que há? Ou de que modo poderá ser cuidada e preservada a prosperidade assim sem amigos?

No nosso entender, este excerto de Aristóteles é fulcral para nos ajudar a compreender o sentido do amor que Galeote apregoa como sendo o mais nobre e a verdadeira riqueza do homem poderoso. Note-se que o filósofo também sublinha que a «amizade perfeita existe entre os homens de bem e os que são semelhantes a respeito da excelência (...) o modo mais autêntico de amar e a amizade no sentido verdadeiro (...) apenas se verifica entre os melhores» (p. 184).

Desta forma, a amizade que Galeote refere vai mais além da máxima, também aristotélica, de que amar é querer o bem do outro<sup>10</sup>. Na verdade, este amor é maior do que as possessões terrenas pois estas só fazem sentido se houver amigos que, retomando a citação de Aristóteles, mantenham as terras e façam com que elas preservem. Neste sentido, o amor de Galeote assume uma carga semântica compreensível no quadro da mentalidade feudal. Lançarote é o cavaleiro perfeito que tornaria possível o verdadeiro ganho do rei, isto é aquele que assenta em parentes e amigos. Se ele mantivesse a companhia do mais nobre cavaleiro, teria todas as condições para ser o maior senhor feudal, pois, e de acordo com Duby, «la feudalité s'enracine à la fois dans la seigneurie rurale et dans la compagnie militaire» (Duby, 1988: 85).

As bases da relação que Galeote tanto almejava ter com Lançarote parecem estar longe de qualquer sentimento sensível, mas sim na esfera daquilo que poderemos designar como amor social<sup>11</sup>, ou seja, uma relação de interesse mútuo, com base na lealdade que aquele que ama encontra no que tem «prez e loor».

Galeote ambiciona que Lançarote seja o seu homem, mas está pesaroso porque sabe que o cavaleiro pertence à Távola Redonda, logo dificilmente o terá sempre a seu lado. Sendo um príncipe «sesudo» e poderoso, gostaria de ter junto de si um amigo que fosse, segundo Aristóteles, «uma ajuda para a realização de acções excelentes» (p. 180). Não falta a Galeote superioridade em armas, nem em generosidade, falta-lhe o mais precioso bem, o valoroso amigo que ele tenta, a todo o custo, obter. O belo discurso do rei de Sorelois evidencia o seu valor enquanto senhor pois demonstra uma capacidade de dar amor sem limites<sup>12</sup>. Voltando ainda a Aristóteles, sabemos que «a excelência dos amigos [...] consiste na capacidade de dar amor» (p. 192). Ora por

<sup>10</sup> Aristóteles, *Retórica*, II, 4, in R. Imbach e I. Atucha (2006).

<sup>11</sup> Esta expressão foi usada por filósofos como Guilherme de Saint-Thierry que define este tipo de amor no *De Natura et Dignitate amoris* como amor socialis quia ex corporali cohabitatione in unum, ex similtudine professionum ex paritate studiorum, aliisque hujusmodi causis, confoederatur, mutisque officis enuriturum maxime animalis es videtur». In R. Imbach e I. Atucha, org. (2006: 40).

<sup>12</sup> A largueza de Galeote não é enfatizada apenas neste romance, mas naqueles em que intervém como personagem, nomeadamente no *Livre D'Artus* em que é descrito como «uns des homes en ceste monde qui milez amoit son ami» (Sommer [ed.], 1979: 145).

tudo o que temos vindo a observar, cremos que o «fazer bem» é uma das virtudes de Galeote. Atentemos num outro passo do romance para se poder entender com maior clareza até onde iria este amor.

Depois desta explicação sobre o valor da verdadeira amizade e após chegar a Sorelois, Galeote decide chamar os melhores clérigos de Artur para que lhe possam interpretar os sonhos que tanto o perturbam. O senhor das Estranhas Ínsuas teme pela sua saúde física e diz mesmo a Helias de Tolosa, o mais sábio dos mestres enviados pelo rei Artur, «no puedo aver folgança ni bien y é gran miedo de perder el cuerpo por esta gran cuita o por este miedo, tanto me tiene por maltrecho» (p. 17). O clérigo diz então que o corpo pode ter muitos males, mas o coração apenas pode três:

perder ome las cosas que mucho ama, así como perder omen buen amigo o pariente (...) outra cuita de corazón (...) ome es abiltado por palabra o es ferido o llagado por abiltamiento (...) la tercera, e saved qu'esta non guarecerá ningun corazón, esta llama las gentes mal de amar (p. 18).

Helias explicita a cura para os dois primeiros males, sendo que para a perda de alguém o melhor remédio é «alimosna o oración» (p. 18) e para o coração ferido por palavras ou gestos o alívio será a vingança, uma vez que «corazón verdadero y el recio nunca aberá folgança ni paz fasta que rienda por mal mal y deshonra por desonra» (p. 18). No primeiro caso parece evidente que o recurso à igreja seja o indicado tanto para confortar quem perdeu alguém, como para rezar pelos que partiram, já a vingança como lenitivo requer uma maior fundamentação. Helias tem um intrincado argumento para justificar esta afirmação em que salienta que o corpo é a casa do coração e enquanto as feridas na carne passam com o tempo, o coração guarda-as pois foi desonrado, algo que não é aceitável pelas leis naturais, pois só Deus pode interferir na integridade física do homem com plenos direitos. Tal justificação parece bastante plausível se tivermos em conta que estamos numa construção romanesca que privilegia a função guerreira enquanto pilar da sociedade. O Antigo Testamento, autoridade máxima, ao explicitar as leis que devem vigorar no mundo dos homens, advoga «se alguém fizer mal ao seu próximo far-se-lhe-á o mesmo que ele fez: fractura por fractura, olho por olho, dente por dente» (*Levítico*, 24, 19-20). Desta forma, a cura proposta por Elias só confirma que estamos perante um imaginário em que a guerra tem sentido porque serve um propósito legítimo, a defesa.

A última maleita do coração é incurável, porque se prende com o amor. Para a explicar, o sábio mestre recorre explicitamente ao peso da *auctoritas*, Aristóteles, mas não se reporta à *Ética*:

y Aristóteles dize, nuestro maestro dize (...) de su amor no pierde por ende cuita, antes finca en prisión (...) sienpre es en afán y en trabajo por servir e por honrar e por afa- gar e aquello que ama, y sienpre es en deuda de lo perder o de ser alongado por falsa razón(...)por todo esto á de pasar lo que ama(...) toda esta cuita á una gran folgança de ver como de oír e de creer a conpañia de lo que ama (p. 18).

Este trecho da narrativa encaixa com o discurso de Galeote que vimos anteriormente. Note-se que a «coita de amor» só terá algum conforto se quem ama tiver



a companhia daquele que é amado, como o rei de Sorelois afirmara ao dizer que o seu maior desejo era ter Lançarote por perto. Além disso, é interessante que se refira Aristóteles como fonte desta explicação, depois de, poucas páginas antes e dentro do mesmo episódio, se ter construído um texto inspirado nos ensinamentos do filósofo grego. É certo que, como nota Duby, no século XIII em França, «les maîtres commençaient à révéler à dès étudiants éblouis le corps entier, merveilleux, bouleversant, de la philosophie grecque» (Duby, 1988: p. 84). Assim, não é estranho o uso do nome de Aristóteles para consolidar um argumento. Todavia, tal procedimento não é recorrente no romance arturiano. É comum a citação de fontes mais ou menos verídicas, a remissão para entidades reais ou ficcionadas, mas não é vulgar a construção de um discurso de índole quase tratadística para justificar as ações das personagens.

Mas voltemos ao amor. Depois desta longa e sólida explicação de Helias, segue-se a interpretação dos sonhos que culmina com uma *revelatio*: Galeote sabe, pela leitura de diversos sinais, que vai morrer. Qual é então o mal do rei de Sorelois? Pelas palavras do clérigo de Artur e pelo curso da narrativa, sabemos que será «mal de coração». Mais adiante Galeote propõe a Lançarote raptar Genevra e oferecer-lhe o reino de Sorelois para que pudessem casar, ficando para sempre Lançarote junto dele. O cavaleiro não desdenha esta oferta, Artur deixa-se levar pelos encantos da Falsa Genevra e a rainha fica, *de facto*, sob a guarda de Galeote. Porém, Genevra não pode deixar Artur, à luz do Direito é «juntada com nuestro señor el rey por Santa Iglesia, non vos podedes d'el partir sino por Santa Iglesia» (pp. 64-65).

A proposta de Galeote consistia na construção de um outro mundo em que Lançarote deixava de ser o cavaleiro de Artur para ser ele mesmo um senhor pelo dote de Genevra concedido pelo rei de Sorelois. Este benefício garantiria a Galeote o que ele mais prezava, «ver [...] oír e de creer a conpaña de lo que ama». Mais uma vez se segue a visão Aristotélica pois «quem sente a falta de qualquer coisa, esforça-se por obtê-la, dando algo em troca como contrapartida» (p. 193). É isto que o senhor de Sorelois faz, oferecendo a rainha ao cavaleiro evidenciando a sua «capacidade de fazer bem».

Galeote constitui-se como um duplo de Artur, característica evidente nos romances do ciclo do pseudo-Boron, mas não é como Pelinor na *Suite* que enfrenta o rei de Logres pela superioridade cavaleiresca. A largueza e o amor são as virtudes do filho da Gigante que representa a memória feudal, a *ordo* rígida das funções sociais. O amor magnânimo é a sua função enquanto *potestas*, a benevolência que deve à cavalaria porque dela depende a legitimação do poder. Lançarote, como cavaleiro, é «superior em utilidade [...] deve receber mais amizade» (*Ética*, p. 190).

Todavia, o sonho premonitor concretiza-se e o seu grande coração perece face ao desgosto da falsa notícia da morte de Lançarote. Galeote morre de mal de amar. Como é dito noutra narrativa, *O Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, distinta no propósito mas não distante no imaginário, todos os nobres «devem seer de u coração» (Mattoso [ed.], 1980: 55) e o de Galeote, «sienpre [...] en afán y en travajo por servir e por honrar» Lançarote, torna-se pequeno e fenece porque sem o valoroso leopardo «non podría nada durar» (p. 6).

## BIBLIOGRAFIA

- Aristóteles: *Ética a Nicómaco*, trad. António Caeiro, Lisboa, Quetzal, 2004.
- Bogdanow, Fanny: «The Madrid Tercero libro de don Lançarote (Ms 9611) and its Relationship to the Post-Vulgate Roman du Graal in the light of a Hitherto Unknown French Source of One of the Incidentes of the Tercero libro», *Bulletin of Hispanic Studies*, LXXVI, 1999, pp. 441-452.
- Contreras Martín, António: «La Geografía Artúrica en el *Lanzarote del Lago* castellano (Ms. 9611 BN Madrid)», *Revista de Filologia Românica*, 22, 2005, pp. 83-97.
- Duby, George: *Mâle Moyen Age. De L'Amour et d'Autres Essais*, Paris, Flammarion, 1988.
- Imbach, R. e Atucha, I.: *Doctrines médiévales du rapport amoureux de Bernard de Clairvaux à Boccace*, Paris, Seuil, 2006.
- Lancelot. Roman en Prose du XIIIe siècle*, ed. Alexandre Micha, Genève, Droz, 1978-1983, 9 tomos.
- Lanzarote del Lago*, ed. A. Contreras Martín & H. Sharrer, Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 2006.
- La Suite du Roman de Merlin*, ed. Roussineau, Genève, Droz, 1996, 2 tomos.
- Mattoso, J.: *Fragmentos de Uma Composição Medieval*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1980.
- Micha, Alexandre: *Essais sur le Lancelot-Graal*, Geneve, Droz, 1987.
- Miranda, José Carlos Ribeiro: *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito, 1988.
- The Vulgate Version of the Arthurian Romances. Supplement Le Livre d'Artus*, ed. Oskar Sommer, New York, Ams Press, 1979.